

USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitora
Vice-reitor

Suely Vilela
Franco Maria Lajolo

edusp

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente
Plinio Martins Filho

Presidente
Vice-presidente

COMISSÃO EDITORIAL
José Mindlin
Carlos Alberto Barbosa Dantas
Benjamin Abdala Júnior
Carlos Augusto Monteiro
Maria Arminda do Nascimento Arruda
Nélio Marco Vincenzo Bizzo
Ricardo Toledo Silva

Diretora Editorial
Editoras-assistentes

Silvana Biral
Marilena Vizentin
Carla Fernanda Fontana

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador
José Serra

imprensaoficial

IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO

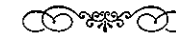
Diretor-presidente
Hubert Alquéres

Diretor Industrial
Diretor Financeiro
Diretora de Gestão Corporativa
Chefe de Gabinete

Teiji Tomioka
Clodoaldo Pelissioni
Lucia Maria Dal Medico
Vera Lucia Wey

MULTICLÁSSICOS

ÉPICOS



PROSOPOPÉIA ◊ O URAGUAI

CARAMURU ◊ VILA RICA

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOIOS

I-JUCA-PIRAMA

Ivan Teixeira
(org.)

SBD-FFLCH-USP



305201

edusp

imprensaoficial

- GUIDIN, Márcia Lígia. "Um Poeta Cantor da América". In: DIAS, Gonçalves. *Poesia Indianista*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- HERCULANO, Alexandre. "Futuro Literário de Portugal e do Brasil". In: DIAS, A.G. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Prefácio". In: MAGALHÃES, D.J.G. de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1939, vol. II.
- LEAL, Antonio Henriques. "A. Gonçalves Dias". In: DIAS, Gonçalves. *Poesias Póstumas*. Edição de A.H. Leal. Rio de Janeiro, Garnier, 1868.
- MAGALHÃES, D.J. Gonçalves de. *A Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Empresa Tipográfica Dois de Dezembro, 1857.
- _____. "Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil". *Niterói, Revista Brasiliense*. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1978, 2 vols.
- MEYER, Augusto. *A Chave e a Máscara*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *A Leitora e seus Personagens*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2005.
- _____. *A Vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Colombo*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1866.
- RICARDO, Cassiano. "Gonçalves Dias e o Indianismo". In: COUTINHO, A. (org.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1986, vol. 3.
- RODRIGUES, Antonio Medina. "Prefácio". In: HOMERO. *Odisseia*. São Paulo, Edusp, 2000.
- _____. "A Eneida Virgiliana entre a Vivência e a Narração". In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Cotia/Campinas, Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2005.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. "Bosquejo da História da Poesia Brasileira". In: ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, M.E. *O Berço do Cânone*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1998.
- SQUEFF, Leticia. *O Brasil nas Letras de um Pintor*. Campinas, Editora da Unicamp, 2004.
- SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *A Independência do Brasil*. Rio de Janeiro, Empresa Tipográfica Dois de Dezembro de Paula Brito, 1955, 2 vols.
- TEIXEIRA, Ivan. *I-Juca-Pirama*. Austin, Universidade do Texas, ago. 2003, mimeo.
- _____. "Em Defesa da Poesia (Bilaquiana)". In: BILAC, Olavo. *Poesias*. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. XXXIX.

I-JUCA-PIRAMA*



Antônio Gonçalves Dias



ULTIMOS CANTOS

POESIAS

DE

A. Gonçalves Dias



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

Praça da Constituição n. 64

1851.

*Página de rosto da edição original de Últimos Cantos,
em que saiu pela primeira vez I-Juca-Pirama.*

∞ ÚLTIMOS CANTOS ∞

I

No meio das tabas¹ de amenos verdes,
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
5 Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
10 São todos Timbiras², guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando³, lançando-as ao rio,
15 O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
 20 Onde ora se aduna o concílio guerreiro
 Da tribo senhora, das tribos servis:
 Os velhos sentados praticam d'outrora,
 E os moços inquietos, que a festa enamora,
 Derramam-se em torno dum índio infeliz.

25 Quem é? – ninguém sabe: seu nome é ignoto,
 Sua tribo não diz: – de um povo remoto
 Descende por certo – dum povo gentil;
 Assim lá na Grécia ao escravo insulano
 Tornavam distinto do vil muçulmano

30 As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
 Nas mãos dos Timbiras: – no extenso terreiro
 Assola-se o teto⁴, que o teve em prisão;
 Convidam-se as tribos dos seus arredores,
 35 Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
 Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
 Entesa-se a corda da embira⁵ ligeira,
 Adorna-se a maça com penas gentis⁶:
 40 A custo, entre as vagas do povo da aldeia
 Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
 Garboso nas plumas de vários matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
 Afeitas ao rito da bárbara usança,
 45 O índio já querem cativo acabar:
 A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
 Brilhante enduape⁷ no corpo lhe cingem,
 Sombria-lhe a fronte gentil canitar⁸.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
 50 Ferve o cauim;
 Enchem-se as copas, o prazer começa,
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
 Sentado está,
 55 O prisioneiro, que outro sol no ocaso
 Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
 Mostra-lhe o fim
 Da vida escura, que será mais breve
 60 Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
 Secos estão;
 Mudos os lábios não descerram queixas
 Do coração.

65 Mas um martírio, que encobrir não pode,
 Em rugas faz
 A mentirosa placidez do rosto
 Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
 70 No passo horrendo?
 Honra das tabas que nascer te viram,
 Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
 Revive o forte,

75 Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:

80 Somentemente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

85 Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
90 Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras.
Na frente o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
95 Orgulhoso e pujante. – Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
100 Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos ferros.

“Eis-me aqui”, diz ao índio prisioneiro;
“Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
“As nossas matas devassaste ousado,
105 “Morrerás morte vil da mão de um forte.”

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
“Dize-nos quem és, teus feitos canta,
“Ou se mais te apraz, defende-te”. Começa
110 O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
115 Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
120 Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
125 Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas

Da guerra provei;
 130 Nas ondas mendaces
 Senti pelas faces
 Os silvos fugaces
 Dos ventos que amei.

Andei longes terras
 135 Lidei cruas guerras,
 Vaguei pelas serras
 Dos vis Aimorés;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes – escravos!
 140 De estranhos ignavos
 Calcados aos pés.

E os campos talados,
 E os arcos quebrados,
 E os piagas coitados
 145 Já sem maracás;
 E os meigos cantores,
 Servindo a senhores,
 Que vinham traidores,
 Com mostras de paz.

150 Aos golpes do imigo,
 Meu último amigo,
 Sem lar, sem abrigo
 Caiu junto a mi!
 Com plácido rosto,
 155 Sereno e composto,
 O acerbo desgosto
 Comigo soufri.

Meu pai a meu lado
 Já cego e quebrado,

160 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por ínvios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 165 Chegamos aqui!

O velho no entanto
 Sofrendo já tanto
 De fome e quebranto,
 Só qu'ria morrer!
 170 Não mais me contendo,
 Nas matas me embrenho,
 Das frechas que tenho
 Me quero valer.

Então, forasteiro,
 175 Caí prisioneiro
 De um troço guerreiro
 Com que me encontrei:
 O cru dessorsego
 Do pai fraco e cego,
 180 Enquanto não chego
 Qual seja, – dizei!

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 185 Que Deus lhe deixou:
 Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.

190 Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? – Morrer.
Enquanto descreve
195 O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
200 Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
205 Também sei morrer.

V

Soltai-o! – diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
210 Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
– Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
215 Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,

Que somente por seu na voz conhece.
220 – És livre; parte.
– E voltarei.
– Debalde.
– Sim, voltarei, morto meu pai.
– Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte.
– Acaso tu supões que me acobardo,
225 Que receio morrer!
– És livre; parte!
– Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.
230 – Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: – arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
235 Precípite. – Do rosto afoqueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
240 Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: – Ingrato! ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

245 Aqui vos trago provisões; tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

250 — Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reavici-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de sofrer? — que novas dores,

255 Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afã da caça....

— Oh filho caro!

260 Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,

265 E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão trêmula, incerta,

Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.

Sentindo o acre odor das frescas tintas,
270 Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
275 Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pálido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
280 Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correria o filho,
285 Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
290 Era num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos índios?

— Sim.

— De que nação?

— Timbiras.

— E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...

295 — Nada fiz... aqui estou.

— Nada! —

Emudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:
 – Tu és valente, bem o sei; confessa,
 Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!

– Nada fiz; mas souberam da existência
 300 De um pobre velho, que em mim só vivia...
 – E depois?...

– Eis-me aqui.

– Fica essa taba?

– Na direção do sol, quando transmonta.

– Longe?

– Não muito.

– Tens razão: partamos.

– E quereis ir?...

– Na direção do ocaso.

VII

305 “Por amor de um triste velho,
 Que ao termo fatal já chega,
 Vós, guerreiros, concedestes
 A vida a um prisioneiro.
 Ação tão nobre vos honra,
 310 Nem tão alta cortesia
 Vi eu jamais praticada
 Entre os Tupis, – e mais foram
 Senhores em gentileza.

“Eu porém nunca vencido,
 315 Nem nos combates por armas,
 Nem por nobreza nos atos;
 Aqui venho, e o filho trago.
 Vós o dizeis prisioneiro,

Seja assim como dizeis;
 320 Mandai vir a lenha, o fogo,
 A maça do sacrifício
 E a muçurana ligeira:
 Em tudo o rito se cumpra!
 E quando eu for só na terra,
 325 Certo acharei entre os vossos,
 Que tão gentis se revelam,
 Alguém que meus passos guie;
 Alguém, que vendo o meu peito
 Coberto de cicatrizes,
 330 Tomando a vez de meu filho,
 De haver-me por pai se ufane!”

Mas o chefe dos Timbiras,
 Os sobrolhos encrespando,
 Ao velho Tupi guerreiro
 335 Responde com torvo acento:

– Nada farei do que dizes:
 É teu filho imbele e fraco!
 Aviltaria o triunfo
 Da mais guerreira das tribos
 340 Derramar seu ignóbil sangue:
 Ele chorou de cobarde;
 Nós outros, fortes Timbiras,
 Só de heróis fazemos pasto. –

Do velho Tupi guerreiro
 345 A surda voz na garganta
 Faz ouvir uns sons confusos,
 Como os rugidos de um tigre,
 Que pouco a pouco se assanha!

VIII

“Tu choraste em presença da morte?
 350 Na presença de estranhos choraste?
 Não descende o cobarde do forte;
 Pois choraste, meu filho não és!
 Possas tu, descendente malcito
 De uma tribo de nobres guerreiros,
 355 Implorando cruéis forasteiros,
 Seres presa de vis Aimorés.

“Possas tu, isolado na terra,
 Sem arrimo e sem pátria vagando,
 Rejeitado da morte na guerra,
 360 Rejeitado dos homens na paz,
 Ser das gentes o espectro execrado;
 Não encontres amor nas mulheres,
 Teus amigos, se amigos tiveres,
 Tenham alma inconstante e falaz!

365 “Não encontres doçura no dia,
 Nem as cores da aurora te ameiguem,
 E entre as larvas da noite sombria
 Nunca possas descanso gozar:
 Não encontres um tronco, uma pedra,
 370 Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
 Padecendo os maiores tormentos,
 Onde possas a fronte pousar.

“Que a teus passos a relva se torre;
 Murchem prados, a flor desfaleça,
 375 E o regato que límpido corre,
 Mais te acenda o vesano furor;
 Suas águas depressa se tornem,

Ao contacto dos lábios sedentos,
 Lago impuro de vermes nojentos, —
 380 Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um teto incendiado,
 Creste e punja teus membros malditos
 E oceano de pó denegrido
 Seja a terra ao ignavo Tupi!
 385 Miserável, faminto, sedento,
 Manitôs lhe não falem nos sonhos,
 E do horror os espectros medonhos
 Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso
 390 Que o teu corpo na terra embalsame,
 Pondo em vaso d’argila cuidadoso
 Arco e frecha e tacape a teus pés!
 Sê maldito, e sozinho na terra;
 Pois que a tanta vileza chegaste,
 395 Que em presença da morte choraste,
 Tu, cobarde, meu filho não és.”

IX

Isto dizendo, o miserando velho
 A quem Tupã tamanha dor, tal fado
 Já nos confins da vida reservara,
 400 Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
 Da sua noite escura as densas trevas
 Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára!
 O grito que escutou é voz do filho,
 Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
 405 Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!

– Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: – vale, e de sobra.

410 Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
415 Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
420 Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

425 Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis – o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jato e por um só se aniquilasse.

430 – Basta! clama o chefe dos Timbiras,
– Basta, guerreiro ilustrê! assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças. –

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
435 Com lágrimas de júbilo bradando:

“Este, sim, que é meu filho muito amado!
“E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
“Corram livres as lágrimas que choro,
“Estas lágrimas, sim, que não desonram.”

X

440 Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
445 Dizia prudente: – “Meninos, eu vi!

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
450 Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.

“Eu disse comigo: Que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
455 E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
460 Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

NOTAS DE
∞ ANTÔNIO GONÇALVES DIAS ∞

- * O título deste poema, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português dissessemos "o que há de ser morto, e que é digno de ser morto".
1. *Taba*. Aldeia de índios, composta de diferentes habitações, a que chamavam *ocas*. Quando estas habitações se achavam isoladas, ou eram levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas famílias, tomavam o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.
 2. *Timbiras*. Tapuias, que habitam o interior da província do Maranhão.
 3. Por este ato declaravam firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solenidade quando, em uma informação ao monarca português, se ocupa da aliança feita entre os missionários por parte dos portugueses e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.
 4. A descrição das cerimônias, com que eles usavam matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exata, ainda que não adotamos dos autores senão aquilo em que todos ou a maior parte concordam. Veja-se Hans Staden – cap. 28 – dos usos e costumes dos Tupinambás. – *Notícia do Brasil*, cap. 171 e 172. *Notícias Curiosas*, L. 1, n. 138, e Léry, cap. XV.
 5. Chamava-se muçurana a corda com que se atava o prisioneiro: "Et une longue corde nommée *massarana*, avec laquelle ils les attachent (*les captifs*) quand ils doivent être assommés" (H. Staden, p. 300). *Musurana*, escreve Ferdinand Denis, acrescentando que era feita de algodão. É possível que em algumas tribos fosse feita desta matéria, mas convém notar que na maior parte delas era uso fabricarem-se cordas de embira.
 6. A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinária, e tinha mais a diferença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravam e pintavam todo o punho – embagadura, como o chamavam – com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e de lá deixavam pendente uma borla de penas delicadas e de cores diferentes, sendo a folha ornada de mosaicos. "Pintam a maça do sacrificio, a que chamam *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passam-lhe por cima uma matéria viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um pássaro chamado *Mackukawa* de cor parda escura, reduzem-nas a pó, e com ele salpicam toda a maça. Preparada a iverapeme, e adornada de penas, suspendem-na em uma cabana inabitada, e cantam em redor dela toda a noite" (H. Staden, *op. cit.*, p. 301). Ferdinand Denis, acrescentando-lhe o artigo francês, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de

pau-ferro e com mosaicos de diferentes cores. Vasconcelos dá-lhe o nome de *Tangapema*, que é o termo do dicionário brasileiro.

7. *Enduape*. Fraldão de penas de que se serviam os guerreiros: damos a denominação de *arasóia* a aqueles de que usavam as mulheres. "Ils font avec de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap" (H. Staden, p. 270). Vasconcelos trata do *enduape* sem lhe dar nome algum especial: "Pela cintura apertam uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo trágico, e de tão grande roda como é a de um ordinário chapéu de sol" (*Noticias Curiosas*, L. 1, n. 129).
8. *Canitar*. É o nome do penacho ou cocar, de que usavam os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavam para alguma solenidade d'importância igual a esta. "Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittare" (H. Staden). Usam de umas coroas a que chamam *acanggetar* (Laet). Os primeiros portugueses escreveram *acangatar*, que literalmente quer dizer – enfeite ou ornato da cabeça.

GLOSSÁRIO